

**Encontro Regional da ABRALIC 2007**  
**Literatura, Artes, Saberes**

**23 a 25 de julho de 2007**  
**USP – São Paulo, Brasil**

## **MAIS UM CAMPEÃO DE AUDIÊNCIA: A HEROÍNA E SUAS METAMORFOSES**

**Dra. Pina Coco – PUC-Rio**

**RESUMO:** *Desde seus primórdios, a televisão brasileira, a exemplo do cinema, inspirou-se na literatura. Praticamente todos os romances românticos foram objeto de adaptações de sucesso, e obras canônicas receberam tratamento especial. A ficção televisiva chegou a ser o quarto produto de exportação do país, sob a forma de telenovelas originais, vindas diretamente dos folhetins do século passado. Pretende-se mostrar como, apesar do aparente realismo e modernidade, o melodrama permanece, inabalado, bem como as emoções que suscita.*

**PALAVRAS-CHAVE:** melodrama, telenovela, folhetim, heroína

A heroína-protagonista dos folhetins do século XIX é definida pela dose de sofrimento em sua trajetória, até o triunfo final da virtude e da justiça. O que não é surpreendente, se pensarmos na triste sorte que aguarda as mulheres no século: às moças de boa família arruinada, o convento; às abastadas, o casamento, tratado pelos pais, de forma a aumentar ou, pelo menos, conservar a fortuna; às pobres, o trabalho braçal em condições miseráveis, ou a prostituição. E às originais, com a veleidade de viver aventuras, a morte – Emma Bovary sendo-lhes a padroeira. Se acrescentarmos que o romance folhetim, burguês por excelência, é conservador, mesmo quando denuncia injustiças sociais, não se pode esperar senão uma moral severa que pune qualquer desvio. O ócio é pai de todos os vícios e o prazer, em uma sociedade já capitalista, por não gerar nenhum produto, é impensável.

Como bem assinala Charles Grivel, o sofrimento por si só não basta: deve ser injusto e espetacular, nessa ordem – quanto mais injusto maior será e mais fará chorar as leitoras, destinatárias oficiais do romance (os homens, sérios, não têm tempo a perder com tais frivolidades). Onde o vasto cortejo de órfãs, entregues a sua triste sorte, crianças abandonadas em busca do pai perdido; viúvas arruinadas e obrigadas a trabalhos humilhantes, pois a função inicial da narrativa dos infortúnios é, como no conto maravilhoso, a expulsão do seio da família. Obrigadas a viver em um mundo para o qual não foram preparadas, as heroínas encetam seu calvário de sofrimentos, físicos e morais.

As prostitutas e as mulheres fatais, que não são necessariamente antagonistas das vítimas protagonistas, irão sofrer ainda mais, para expiar seus erros e atingir a purificação antes da morte, vide Marguerite Gauthier.

Interessa-me aqui, em um olhar vindo de Letras, o destino midiático do folhetim. Com um século XIX que só verá a República em seu final, os folhetins franceses são imediatamente traduzidos no Brasil e lidos pela minoria capaz de fazê-lo. Será apenas no

início do século XX, com a imigração européia e o início de uma classe operária, que nos aproximaremos do panorama social francês do século XIX: os folhetins continuam a ser publicados, agora em revistas para senhoras.

É com a expansão do rádio, na década de 40, que irão sofrer sua primeira transformação, adaptando-se ao novo suporte. O sucesso é fulminante, com ansiosas ouvintes enxugando as mãos e as lágrimas no avental para acompanhar as desventuras da infeliz Maria Helena, afastada de seu único filho – bastardo e fruto de um amor ainda mais proibido por unir jovens de classes sociais opostas. Trata-se de *O Direito de nascer*, do cubano Felix Cagnet, que, após percorrer a América Latina, aporta enfim ao Brasil, para se tornar uma mania nacional, durante longos meses.

As heroínas continuam a sofrer, e as personagens femininas permanecem imutáveis: a vítima inocente, a vilã, as empregadas fiéis - cujo ícone é Mamãe Dolores, que cria o bastardo Albertinho Limonta como seu filho e, embora conhecendo o segredo de seu nascimento, não pode revelá-lo. Para as ouvintes mais eruditas, a novela é publicada em fascículos, na melhor tradição folhetinesca da “biblioteca dos pobres”. Um novo suporte irresistível, no entanto, carregará consigo a rádio - novela: a televisão e a imagem.

Entre os dois, o cinema mudo irá explorar as séries em episódios, sendo *Os Perigos de Paulina* um modelo do gênero. Cada episódio terminava, invariavelmente, com uma situação de perigo mortal: amarrada nos trilhos, a jovem vê com terror o trem que se aproxima, já a alguns centímetros... Lembro-me, menina, de assistir, maravilhada, os episódios de ação no Cineac Trianon da Avenida Rio Branco – mas as infelizes heroínas haviam cedido lugar a heróis vindos das histórias em quadrinhos: Batman, Flash Gordon., Super Homem.

É com o advento da televisão, na década de 50, que o folhetim, transformado em telenovela, atingirá uma recepção nacional e internacional por vezes surpreendente, atingindo países de cultura diametralmente oposta à nossa e pontuando o cotidiano de norte a sul do país. Seguindo a lei imperiosa do romance popular, não é a surpresa que seduz os telespectadores: resumos semanais dos episódios e toda uma informação paralela, mantida pelas revistas especializadas, anuncia o andamento das tramas, fotografa as melhores cenas, entrevista atores e diretores. Tal como as leitoras dos folhetins, quer-se o aparentemente novo, mas sem alterações estruturais. Qualquer novidade que se desvie do melodrama será rejeitada – seu destino serão as mini-séries ou especiais, mais próximos do cinema. A novela segue a confecção dos folhetins: os primeiros – cerca de 30 – capítulos e a sinopse, para passar à escrita semanal, conduzida pelos verificadores de audiência. A autoria é uma questão complexa, pois, como já o fazia Alexandre Dumas, é em geral fruto de uma equipe, embora o “cabeça” assegure o tom – o seu – e a assinatura, nos créditos.

O que se faz imperioso, no entanto, é a sede do *pathos*, em uma sociedade na qual, ao contrário daquela do século XVIII, demonstrar publicamente os sentimentos não é de bom tom e onde a vida coletiva cedeu definitivamente lugar ao individualismo do *cocoon*, bolha de auto-suficiência e sobrevivência comandada pela Internet. Libertas dos preconceitos suscitados em seu início (que, aliás, atingiam a própria televisão), as novelas, produtos tecnicamente sofisticados, já não se limitam às camadas menos ilustradas, embora ainda sejam poucos os estudos sérios a respeito, em nossos meios acadêmicos.

Manoel Carlos ocupou recentemente o horário nobre, com *Páginas da Vida*, e seu tema favorito, a família e seus conflitos. Em princípio, suas heroínas são representativas dos novos papéis assumidos pelas mulheres na virada do século, literalmente impensáveis, anos atrás. Sua protagonista, sempre uma Helena, foi vivida, há duas novelas atrás, em

*Laços de Família* por Vera Fischer, recém saída de mais uma série de escândalos na sua vida pessoal e de uma clínica de desintoxicação, mas mantendo seu *status* de diva e bela mulher..

Helena é uma esteticista, com sua própria clínica, sofisticada, o que a torna materialmente independente, aos 50 anos, que não aparenta. Mãe solteira, criou sozinha sua filha, Camila, que estudou em Londres, onde se apaixonou por um estudante japonês, com quem vai viver em Tóquio.

Como sempre nas novelas, para facilitar as cenas, vários personagens moram na mesma rua ou no mesmo prédio. Helena é vizinha da jovem Capitu, também ela mãe solteira, que, para ajudar os pais, com quem mora, manter seu filho e pagar seus estudos, exerce, como diriam os folhetins, a mais antiga profissão do mundo... Se nem o trabalho nem o clichê da jovem honesta obrigada a se prostituir para se manter são novos, é uma aparente audácia e sinal de modernidade que seja uma universitária, de boa família e com uma vida dupla, bem entendido, sem que os pais saibam. Mais ainda: Capitu não se envergonha e considera seu trabalho como qualquer outro meio de subsistência. Garota de programa, ela trabalha para uma agência, como acompanhante para altos executivos, que pagam mil dólares por noite. Ainda para ajudar os pais, divide, alugando, seu quarto com uma amiga, também contratada pela mesma agência.

Na clínica de Helena trabalha Ivete, sua melhor amiga, cujo marido é impotente e recusa-se, por medo, a consultar um especialista. A situação torna-se insuportável, e Ivete discute abertamente com Helena e os colegas a abstinência sexual a que se vê obrigada, há meses.

Seguindo sua mutação midiática, novas heroínas refletem as transformações contemporâneas da condição feminina: a mulher madura e independente, feliz ao lado de um amante 30 anos mais moço; a universitária de família que se prostitui, sem culpa, por muito dinheiro; a jovem mulher que discute um tabu, a impotência conjugal masculina e sua necessidade de sexo.

No entanto, sob essa capa de modernidade, o tratamento que lhes é dado é exatamente o mesmo que às viúvas e infelizes órfãs do século retrasado. Em contraste com sua aparente força diante da vida, todas se debulham em lágrimas, sofrem por amor e buscam um homem para ampará-las e aconselhá-las.

As reações dessas “novas” mulheres são as mais convencionais possíveis: Helena irá renunciar a Edu, o amante mais moço; Ivete tentará despertar o desejo do marido preparando jantares especiais, com champanhe e lingerie sedutora, sem falar do recurso de apelar para benzedoras do bairro.

Capitu é, das três, a mais polêmica e seu personagem, previsto para ser secundário, bateu recordes de popularidade: telespectadoras condoídas aconselhavam-na a mudar de vida; outras, indignadas, viam nela um incentivo à perdição. O que o autor evita cuidadosamente: Capitu é politicamente correta, apaixonou-se por um jovem deficiente, adora e respeita seus pais, é uma mãe exemplar e começa a ser agredida fisicamente por seus clientes sádicos. Seus sofrimentos apenas começaram, seu destino, antes da virtude reencontrada, é expiar as culpas para se redimir.

Todas as três têm à mão o verdadeiro amor, ainda que não o reconheçam de imediato.: Helena tem Miguel, seu amigo livreiro, um viúvo de sua idade, com todas as virtudes em alto grau de um bom marido; Capitu tem Paulo, que se recupera de um grave acidente de automóvel, sensível e compreensivo. Quanto a Ivete, nunca pensou em trair o marido, que a adora.

Novamente Manoel Carlos mobilizou telespectadores e meios de comunicação, com *Mulheres apaixonadas*, que, como o título indica, pôs em foco novas heroínas sofredoras, sob a capa da modernidade.

Helena, dessa vez, é diretora de uma escola para adolescentes ricos, separou-se do marido e não hesita em reatar com um antigo amante, que abandonara para se casar. Tal Tchecov, são três irmãs, uma das quais, sem o problema da impotência, mas com um câncer de mama, repete, com um marido que a adora, a infeliz Ivete, atormentada por problemas que, sabemos, serão suplantados. A terceira é a problemática, um monstro de ciúmes, capaz de tentar matar as mulheres que se aproximam do marido. A garota de programa honesta e de bom coração, mãe solteira e exemplar, também ela escalada para um papel menor e tornada popular graças à empatia da atriz, morre, atingida por uma bala perdida. Lorena, mulher madura, dona da escola onde trabalha Helena, também se apaixona por um rapaz 30 anos mais moço, que a troca por uma bem mais jovem, mas ela enfrenta com sabedoria a situação, pois, no fundo, é a versão feminina de um personagem clássico do melodrama, o ancião sábio.

Lorena é sentimentalmente reduplicada por Raquel, jovem professora de Educação Física, apaixonada por um aluno adolescente, que a adora e é perseguida por um marido sádico (versão dos clientes de Capitu) – que irá morrer, bem como seu jovem amante, pois – apesar da modernidade – seria impensável uma professora casar-se com um aluno adolescente. Para compensar o desenlace tradicional, Raquel anuncia sua gravidez, que abençoa a curta e proibida união.

Ou seja, é a nova novela, com o mesmo molde – é bem verdade que todos já esqueceram a outra, mas com certeza reconhecem as mesmas emoções arcaicas que povoam o imaginário e que a literatura popular tão bem explora. Por trás de temas que parecem ousados e de assuntos atuais, como o câncer de mama e a violência urbana, há o eterno drama da identidade perdida: o filho de Helena, que ela pensava ser adotivo, é na verdade fruto de uma ligação entre Téo, seu ex-marido e Fernanda, a garota de programa – que também deixou uma filha, cujo pai é um segredo, para todos (menos para os ávidos telespectadores), ou seja, o mesmo Téo. As duas crianças se adoram, sem saber que são irmãos e o pequeno Lucas vai ao enterro da mãe da amiguinha, ignorando se tratar de sua própria mãe. Cena digna das crianças perdidas e órfãs que povoam melodramas e folhetins, tudo regado a muitas, muitas lágrimas.

*Páginas da Vida*, nos apresenta uma Helena também madura, vivida por Regina Duarte, médica, que adota uma menina com síndrome de Down – filha da jovem Nanda, versão da moça emancipada, que fica grávida do namorado, com quem mora, em Amsterdam, onde estudam. Nanda, abandonada pelo rapaz, volta ao Rio para ter gêmeos, e morre. Claro está que o parto é feito por Helena. Marta, mãe vilã de Nanda, se recusa a aceitar a neta deficiente, forja uma falsa morte do bebê e a entrega para a adoção. Para acentuar o pretenso realismo da trama, ao final de cada capítulo, pessoas comuns dão depoimentos sobre situações ditas semelhantes às vividas pelos personagens.

A atual novela dita “das oito”, *Paraíso Tropical*, de Gilberto Braga, nos apresenta o eterno conflito das gêmeas – uma boa e caridosa, outra, vilã perversa, ambas, diga-se de passagem, com paternidades e maternidades nebulosas. Simetricamente, mocinhos e vilões as escoltam, na ordem. Para que haja conflito, bem o sabe o melodrama, é preciso que haja pelo menos um vilão, e vilões, como o demônio, tem que ser sedutores.

Mais uma estrada de lágrimas e sofrimentos aguarda nossas heroínas. Mas, não seriam elas uma espécie de metáfora da própria telenovela brasileira? Moderna, com

extrema competência técnica, reflexo aparente da realidade que nos cerca, mas, no fundo, expressando os valores e a moral burguesa do século XIX: só o verdadeiro amor salva, nada é obtido sem duras penas, os maus terminam por ser punidos e os bons, recompensados. Entre a realidade, acentuada pela força da imagem, e a ficção, sua origem, a novela tenta se equilibrar.

Metáfora, finalmente, da própria condição feminina, cujas conquistas por vezes se misturam à culpa. Helenas, Capitu, Ivete, assumem sua condição de mulheres fortes, mas suspiram por um destino mais romântico, para poder, ao lado do homem amado, acompanhar a novela das oito...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROOKS, Peter. *The Melodramatic imagination*. London: Yale University Press, 1995
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Os Exercícios do ver*. São Paulo: Ed. Senac, 2001
- OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER Karl Erik [org.]. *Literatura e mídia*. São Paulo: Edições Loyola/ Editora PUC, 2002
- ORTIZ, Renato et alii. *Telenovela – história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1988
- Douleurs, souffrances et peines: figures du héros populaires et médiatiques*. Lleida: L'Ull Crític, 2003 (coletânea)